Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384
Boletim do Tempo Presente, nº 06, de 09 de 2013, p. 1 - 16, | http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente

A DUPLA SONDAGEM PARA INTERPRETAR AS NARRATIVAS MISSIONÁRIAS CATÓLICAS NA ZÂMBIA

Por *Jefferson Olivatto da Silva[i]*



Resumo: para entender o processo colonizador da África Central no final de 1800, os escritos de missionários tem auxiliado a compreender as mudanças socioculturais de populações locais. As narrativas missionárias católicas na África precisa ser concebidas pelas relações de poder burocrático da Igreja Católica e a escolha de grupos para efetivar o seu expansionismo simbólico. Para tanto, foi escolhido o grupo dos Missionários de Nossa Senhora da África inseridos na região zambiana dominada pelos Babemba. Dessa forma, a etnografia historiográfica será utilizada para interpretar essas narrativas em termos de dupla sondagem sobre o contexto da produção católica dos Babemba. Por isso, é iniciado pela explicação do poder burocrático reproduzido por esses missionários católicos na África Central e em seguida a historicidade de suas narrativas sobre os Babemba de 1890 a 1990.
Palavras-chave: Etnografia historiográfica, Narrativas Missionárias, Zâmbia

Abstract: to understand the colonial process in Central Africa at the end of 1800, missionaries works has helped to fill in social and cultural changes gaps of local people. Catholic missionary narratives in Africa need to be framed by bureaucratic power of Catholic Church and a chosen group to realize symbolical expansionism. For that, it is illustrated by Missionaries of Our Lady of Africa living in Zambian domain of Babemba. It was used historiographical ethnography to interpret those narratives to double enquiry about the context of Catholic production of Babemba. Thus, it started by explaining bureaucratic power reproduced by those missionaries in Central Africa, followed by historicity of their narratives about Babemba from 1890 to 1990.
Keywords: Historical Ethnography, Missionary Narratives, Zambia.

Narrativas missionárias na África

Os arquivos missionários têm sido uma preciosa fonte de dados sobre o cotidiano de determinadas populações na África, principalmente quando representam os primeiras registros documentados. Pensando nessa produção documental sua

interpretação por pesquisadores precisa ter uma dupla sondagem para que a ação missionária não seja tomada a priori como dados primários sobre o cotidiano descrito, posto que se desdobra como resultado do enredo de um determinado grupo missionário. Nesse sentido, esse artigo procura debater essa dupla sondagem, apresentando primeiramente o campo católico realizado pelo instituto dos Missionários de Nossa Senhora da África (ou simplesmente Missionários da África, White Fathers ou Pères Blancs), e sua produção documental acerca da população Bemba, na região norte da atual Zâmbia, entre as décadas de 1890 a 1990. Nesse sentido, a etnografia historiográfica foi o instrumento metodológico para lidar com essa problemática das narrativas católicas. É relevante constatar que as narrativas missionárias quando interpretadas em seu processo dinâmico social, político e cultural podem desvelar nuances estruturantes das populações com as quais interagiam (SANTOS, 2002; MONTERO, 2006; CASTELNAU- L'ESTOILE, 2006).

Os arquivos desses missionários que se referem à população Bemba, podem ser consultados em dois centros: no*Faith and Encounter Centre Zambia* (FENZA), em Lusaka, capital da Zâmbia, e no A*rchivio Generale di Missionari d'Africa*, (AGMFR), em Roma, Itália, onde está a Casa Geral do instituto. Aqui será utilizado os arquivos do FENZA.

À medida que buscávamos entender o espaço eclesiástico como uma cultura fronteiriça ou de contraste, lendo os trabalhos de Barth (2000) sobre fronteiras culturais, percebemos haver uma possibilidade interpretativa do catolicismo pelas tensões de suas narrativas. Em busca de hegemonia de seu poder, as estratégias que a Igreja Católica usou no século XIX e XX resguardou sua hierocracia, como Igreja verdadeira e herdeira direta de Jesus Cristo (WEBER, 1947; 2004). Os papados tiveram forças para criar novos diapositivos de hegemonia e homogenia sobre seus atores mesmo sofrendo pressões dos eventos que se confundiram com o desenvolvimento do próprio Ocidente. Por isso, a hierocracia desdobrada em diferentes setores teria conseguido defender seu monopólio, internamente, por uma força centrípeta localizada nos papados. O poder de sua atração dependia da distribuição dessa força por diferentes setores hierarquizados, desde que o papado mantivesse para si a capacidade para a nomeação de seus atores. Além disso, a visibilidade do poder distribuído era percebida pela posição ocupada, mais do que pelo ocupante, porque a autoridade da impessoalidade da Igreja seria mantida por uma rede de relações invisíveis, planejada pela ação divina. Logo, a noção

de homogeneidade do domínio eclesiástico sobressaiu à sua historicidade, pois, para seus atores, Deus seria a fonte do papado.

Esse poder convergente do papado foi eficiente a ponto de todos os níveis hierárquicos internos reproduzi-lo em outros centros de convergência religiosa, formando constelações de classificações como em um sistema orbital ao redor do papado. Dessa forma, consideramos o papado como sendo o centro orbital de diferentes setores e diferentes níveis hierárquicos que produziram ideias e práticas conforme sua funcionalidade, próximos ao que Barth (2000) denominou de constelações de categorizações; visto que, embora haja disputas para a nomeação de posições e tensões relativas à governança católica, todos os atores reconhecem-se como católicos por serem atraídos pela força simbólica dessa legitimidade:

> [...] O que surpreende não é a existência de alguns atores que não entram nessas categorias, e de determinadas regiões do mundo onde os indivíduos não tendem a classificar-se inteiramente dessa forma, mas o fato de que as variações tendem a se reagrupar em constelações. Assim, podemo-nos apenas não ao aperfeiçoamento de uma tipologia, mas ao descobrimento dos processos que acarretam tais reagrupamentos. [...] (p. 215).

As proscrições da vida eclesiástica matizavam lugares, indivíduos e atitudes do mundo lá fora, como distante da vontade divina. O caráter proibitivo da vida desses atores, em vez de designar ausência de experiência pessoal, dava mais destaque às possibilidades de realização individual na cadeia hierárquica. Nesse sentido, a escolha do jovem à vida missionária reproduzia a força católica caracterizada por heroísmo, pois o chamado era um traço da vontade da divindade, então a correspondência a esse chamado aperfeiçoava no jovem um traço sobrenatural, como algo a ser preservado a qualquer custo e, se alguma coisa o impulsionasse para se afastar desse traço para realizar os apelos mundanos, isso significaria uma rejeição pessoal à vontade do criador, aquele que detinha o poder sobre sua vida e sobre o destino de sua alma no post-mortem. Porém, a partir de sua aceitação como candidato à vida missionária pelo instituto, apenas esses atores religiosos — os profissionais do divino, como dirá Weber (2004) — teriam a capacidade de discernir a vontade divina para definir se o candidato poderia ou não seguir a formação. O chamado deixava de ser um benefício divino ao candidato, para se tornar uma disposição a ser lapidada pelo instituto.

Nesses termos, o papado de Pio XI reforça na *Casti connubii*, 31 de dezembro de 1930, entre a população católica o benefício da santidade que os pais deveriam cultivar na educação de seus filhos, a devoção à Igreja, isto é, a realização dos anseios quando pertencentes ao ego institucional:

> 14. Os pais cristãos compreenderão, além disso, que não são destinados só a propagar e conservar na terra o gênero humano e não só também a formar quaisquer adoradores do verdadeiro Deus, mas a dar filhos à Igreja, a procriar concidadãos dos santos e familiares de Deus (Ef 2, 19), a fim de que o povo dedicado ao culto do nosso Deus e Salvador cresça cada vez mais, de dia para dia. E, embora os cônjuges cristãos, conquanto sejam santificados eles próprios, não possam transmitir a sua santificação aos filhos, porque a geração natural da vida se tornou, ao contrário, caminho de morte, pelo qual passa à prole o pecado original, eles participam, todavia, de algum modo, da condição da primeira união no paraíso terrestre, cabendo-lhes oferecer a sua prole à Igreja, a fim de que esta mãe fecundíssima de filhos de Deus a regenere pela água purificadora do batismo para a justiça sobrenatural e a torne prole de membros de Cristo, participantes da glória, à qual todos aspiramos do íntimo do coração.

Para que se possa desenvolver uma metodologia de interpretação das narrativas missionárias, é mister fazer uso da literatura histórica e antropológica, para compreender o catolicismo no norte da Rhodésia, relativo às práticas introdutórias e expansionistas da Igreja Católica Romana presentes nos documentos. Todavia não temos como pretensão desfocar ou adulterar o efeito do poder da narrativa eclesiástica do seu cotidiano, mas deslocar suas diferentes temáticas para um emolduramento específico da do catolicismo, que denominamos de chamado à vida missionária, como expressão de ações de tipo heroica, o que nos coloca de frente às tensões da dinâmica cultural católica no interior de sua hierocracia.

> [...] Se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com outros, disso decorre a existência de critérios para a determinação do pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou exclusão. [...] (BARTH, 2000, p. 34).

Propomos considerar o campo religioso do catolicismo a partir da composição exclusiva da institucionalização e da estrutura da Igreja Católica na África Central dividida em quatro espaços, os quais definimos por circunscrições eclesiásticas. A título de esclarecimento, nosso esforço é tratar o catolicismo a partir da posição dos atores, os missionários, no interior dessas circunscrições e não a amplitude em que se inserem os leigos, os ex-católicos, os católicos romanos não praticantes, muito menos o campo da

catolicidade como sinal de fé em Jesus Cristo (SANCHIS, 2009). Nesse sentido, o campo simbólico, considerado por Bourdieu (2007), também deve ser restrito não em toda sua amplitude social, mas etnograficamente, aos que estão dentro desses espaços; por isso, o chamamos de campo católico.

A trajetória eclesiástica do fundador dos Missionários da África, o clérigo francês Charles Allemand Martial Lavigerie, foi determinante para conquistar interesses coloniais relativos à presença de seu instituto na África Central. Ascendendo às posições da hierocracia, diretor do *l'Oeuvre des Écoles d'Orient*, Bispo de Nancy, França, Arcebispo de Argel, Tunísia, e Cardeal, Lavigerie acumulou experiência e poder para tornar seu instituto renomado na Cúria Romana. Foi crucial sua postura no cenário católico para conseguir, através da *Propaganda Fide*, o financiamento de suas missões junto às Coroas europeias e o domínio de dois territórios, o Pró-Vicariato de Nyanza-Victoria, em torno dos Grandes Lagos em Uganda, e o Pró-Vicariato do Tanganyika, no lado oriental do lago com esse nome (RENAULT, 1992). Geograficamente, seus territórios seguiam o lado oriental ao longo do Vale do Rift, que no extremo Sul seria instalado o território eclesiástico do Niassa. Cardeal Lavigerie tornou-se modelar para que seu instituto buscasse, a partir de sua trajetória, justificativa para enrijecer ou não suas fronteiras e suas prescrições conforme as fricções eclesiásticas ou coloniais.

Assim, o campo católico foi por nós interpretado a partir de um pacto realizável se fossem efetivadas relações de amizade assimétrica e de companheirismo, como distintas mas dependentes. Essa dualidade era manifestada pela fronteira entre a alteridade atribuída ao mundo externo e a identidade atribuída ao mundo eclesiástico. Por meio de nosso foco, a partir dos Missionários da África, então, a identidade seria o produto de relações distintas efetivadas pela escolha de Deus de determinados indivíduos a se tornarem seus representantes na Terra. Elas se realizariam por uma ligação afetiva, a qual definiria o companheirismo, escalonada dentro das circunscrições e, tendo como princípio catalizador, entre seus pares, o chamado divino à santificação de sua própria alma e à salvação do mundo. A seu turno, os leigos — neófilos, catecúmenos, batizados e catequistas — estabeleceriam uma relação de amizade assimétrica com os missionários — padres e irmãos —, já que eram des-classificados pela ausência do chamado divino, que os colocava fora das circunscrições, e, por conta desse fator sobrenatural, estariam abaixo e ao redor da posição centralizadora do padre.

Aspectos burocráticos da Igreja Católica

O papado representa o centro gravitacional para toda forma legitimada de manifestação católica dentro das circunscrições, isto é, do campo católico. Em torno e abaixo do papado orbitam os institutos eclesiásticos, como o dos Missionários da África, seminários, escolas e paróquias, resultante de um tipo de interpretação do catolicismo. Ao redor desses, e mantidos pelo domínio papal, através da *Propaganda Fide,* o órgão responsável pelas missões católicas em territórios não católicos, orbitavam os espaços dos pró-vicariatos, vicariatos e prefeituras apostólicas na África Central. Por fim, abaixo dos anteriores, e justificando a existência de territórios católicos no interior da África e simultaneamente a existência do instituto dos Missionários da África, estavam os diversos postos missionários.

A realização desses anseios eclesiásticos sobre a população externa explicava-se em concordância com as circunscrições que sistematizavam seus centros hierárquicos, a posição das autoridades e as causas sobrenaturais da burocracia, como a seguir veremos.

A análise da ligação afetiva entre os Missionários da África deve proceder de sua inserção nos centros eclesiásticos, que funcionavam hierarquicamente a partir de espaços administrativos, nos quais o sentimento de pertencimento ao ego institucional era gerado. Nesse sentido, as circunscrições produziram-se, em torno e abaixo dos papados, para criar fronteiras com o mundo laico e legitimar as ações delineantes da fé católica. Esse sentimento identitário no interior das circunscrições era articulado pela força centrípeta operante de seus esquemas culturais, isto é, um eu relativo (GEERTZ, 2009), como iremos apresentar abaixo:

a) Primeiramente, a circunscrição mais ampla da Igreja naturalizada em torno e abaixo de relações hierárquicas representava a distinção do poder divino em relação à vida mundana. Esse poder era marcado pela centralidade dos papados para a eficácia dos rituais e sua documentação era escrita oficialmente em latim, legitimando, pelo órgão romano da *Propaganda Fide*, as ações católicas em territórios dominados por Coroas não católicas. Eram geradas nesse setor as bulas, encíclicas, aprovações de constituições de todos os institutos, territórios eclesiásticos e nomeações para cargos eclesiásticos católicos;

b) A circunscrição do instituto era e deveria ser assimilada pela primeira, tendo na figura de Charles Lavigerie e dos superiores gerais a reprodução da estrutura

eclesiástica do papado e de seus procedimentos hierárquicos. Francês era a língua oficial do instituto para a comunicação entre seus membros[ii], assim como para a emissão de seus documentos, com inclusão de termos, expressões e trechos de textos sagrados em latim. Os superiores emitiam cartas para determinadas missões, cartas circulares para as casas do instituto, além de nomear os padres e irmãos para os postos. Era de responsabilidade dos superiores do instituto a salvaguarda de seus preceitos e normas, que deveriam ser ensinados durante a formação eclesiástica dos padres, dos irmãos e das irmãs. Ainda que pudesse haver a presença de candidatos ao sacerdócio e à fraternidade em uma mesma casa de formação, imputava-se uma distinção, pelo menos no noviciado, durante a recreação, os estudos e o dormitório entre esses atores, para reforçar a centralidade burocrática católica, já que, hierarquicamente, o superior dos candidatos à fraternidade estava subordinado ao superior dos aspirantes ao sacerdócio (SOCIÉTÉ DES MISSIONNAIRES D'AFRIQUE, 1933, artigo 159). Também fazia parte dessa circunscrição o Conselho Superior, para regulamentar o direcionamento das ações de todos os vicariatos e adaptar as constituições conforme o desenvolvimento do instituto;

c) derivados da segunda circunscrição estavam os territórios eclesiásticos africanos dirigidos por um missionário da África com atributos de bispo. Esse poder legitimava o catolicismo dos postos missionários e do cotidiano africano. Os relatórios e cartas dessas circunscrições eram escritos em língua francesa. Além disso, nessa circunscrição era comum a utilização da língua de uma população mais próxima ou dominante regionalmente, porém sem ser convertida em documentos eclesiásticos ou oficiais, salvo quando eram escritos para os chefes africanos, como foi o caso de *Icalo ca Mpanda* (O país de Mpanda), 1992, escrito por Louis Oger em *Chibemba* e inglês — é mister frisar que, dentro de um determinado território eclesiástico, tipo o vicariato, havia diferentes populações tributárias de grupos dominantes, apresentando uma grande variedade linguística. Os bispos faziam relatórios anuais dos postos em seus territórios: pro-vicariatos, vicariatos; prefeituras apostólicas e *Missio sui juris* para os superiores na sede do instituto, Maison-Cairrée, Argélia, o quartel general do instituto. Para seus subalternos, quando não podia visitá-los e transmitir as próprias decisões ou as dos superiores, enviava cartas por mensageiros africanos ou coloniais;

d) por fim, no interior das circunscrições dos territórios eclesiásticos, estavam os postos missionários, que representavam a totalidade do catolicismo para as populações

locais. Tais postos eram gerenciados pelo padre superior da comunidade dos missionários, que mantinha a comunicação com seus superiores em francês, mas sumamente a língua local do poder nativo dominante deveria ser hegemônica para a comunicação dos missionários com a população leiga. Era de responsabilidade do superior dos postos, mesmo que ele não fosse o próprio autor, a escrita de cartas e diários, enviados de início à Maison-Cairrée e a seus superiores dos vicariatos.

Em suma, a naturalização dos poderes era reproduzida em torno e abaixo dessas circunscrições elevadas da Eclésia e, em dependência a ela, os missionários respondiam aos poderes coloniais. Porém em situações de guerra, essa sobreposição do mundo religioso sobre o mundo humano deixava de ocorrer e o vínculo nacionalista exigia dos clérigos se tornarem soldados e combater, inclusive, populações da mesma nacionalidade que a de companheiros de instituto, ou como eles se definiam *confrères* (SHORTER, 2007). Quanto ao respeito pelo poder dos chefes nativos, existia um reconhecimento eclesiástico de sua eficácia sobre os súditos nativos, sem os missionários se posicionarem como tais. Estrategicamente, até mesmo em relação aos representantes dos poderes coloniais, o reconhecimento feito pelos clérigos era o de sua inscrição política, de permissão às suas atividades missionárias ou de resolução de conflitos com os reformistas e com chefes locais.

Por isso, o conflito entre os interesses enfrentados pelos missionários, relativo aos centros eclesiásticos e as fronteiras com o mundo lá de fora, devia ser avaliado dentro das circunscrições apontadas acima, de acordo com a permeabilidade dessas fronteiras diante do poder civil sobre certos eventos, podendo ocorrer pela aceitação parcial de traços estrangeiros ou de interesses afins (FEINSTEIN; DAJANI-DAOUDI, 2000; CUNHA, 2010). Nessa dinâmica, os poderes disponibilizavam escolhas aos atores nas circunscrições, não como algo exclusivamente pessoal, mas dependente das coordenadas possíveis a sua realização bem como às mudanças circunstanciais, ambas delineadas pelas estruturas simbólicas da Igreja romana. Assim, internamente, os interesses apresentados perante os contrastes referiram-se às possibilidades de traduzir traços das identidades a partir da de missionário católico, posto que, mesmo sua vida antes da entrada do instituto — nacionalidade, família, trabalho ou serviço militar — era interpretada a partir do chamado para a missão na África. Por isso, a noção de fronteira entre mundo lá fora e mundo eclesiástico era constantemente lembrada, também, pela narrativa do Evangelho do Apóstolo João, capítulo 17, versículos 14 a 17, em que Jesus,

em apelo a Deus pedia proteção aos apóstolos, pois os estava enviando para evangelizar o mundo:

> 14. Dei-lhes a tua palavra, mas o mundo os odeia, porque eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. 15. Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal. 16. Eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. 17. Santifica-os pela verdade. A tua palavra é a verdade. 18. Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. 19. Santifico-me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade. (BÍBLIA SAGRADA DA CNBB, 2005, s/p).

Uma das dificuldades que a literatura traz sobre o estudo das populações da Rhodésia, bem como outras, é a falta de padronização ortográfica sobre a nomeação populacional, acidentes geográficos e rios gerou certa dificuldade para sua localização e contextualização no início da pesquisa, já que as narrativas tanto dos exploradores do século XIX, bem como dos agentes coloniais e missionários ao longo do século XX e até em traduções para o português no século XXI, têm apresentado grafias distintas. Observamos as seguintes grafias: *Abemba, Wabemba, Iwemba, Ayemba, les Bemba, Bemba, Bembe e Babemba*, com predomínio desta última para a designação de população, de acordo com o uso do prefixo Ba. A padronização auxiliaria a leitura de trabalhos sobre a África e eliminaria a necessidade de recorrer a várias outras referências para descobrir se uma população pesquisada é a mesma de outro estudo que a grafou de outra maneira. No mesmo sentido, em materiais de referência como dicionários e manuais, os linguistas africanos, estadunidenses, britânicos e missionários têm grafado a língua falada pela população Bemba diferentemente do que convencionou o Ministério da Educação da Zâmbia de 1977, haja vista diferentes versões ainda utilizadas por cada corpo de especialistas. Predominantemente, os Missionários da África foram os que mais divulgaram materiais de referência sobre essa língua. Para mencionar as referências mais disponíveis, feitas por eles, há o primeiro dicionário bilíngue publicado em 1930, *Bemba-Français*, pouco utilizado pela língua inglesa ser a oficial no país; depois, em 1950, um dicionário de bolso *Bemba-English*; e o último dicionário bilíngue dos Missionários da África, *Bemba-English* de 1954 e reimpresso em 1991 com 829 páginas. Já sob outro enfoque, em 1998, a editora estadunidense Webster publicou um *Thesaurus English-Bemba* para os falantes da língua Bemba fazerem o teste de proficiência em inglês. Quanto a manuais de cursos de línguas, esses missionários mantêm o ensino para estrangeiros, desde a fundação do primeiro centro

de língua em Ilondola, na década de 1950 até ser instaurado o FENZA, em Lusaka, na década de 1990.

Para contextualizar a produção missionária sobre o encontro da população local e religiosos católicos no norte da atual Zâmbia, é preciso compreender os agrupamento de sua produção, conforme a dinâmica desse campo descrito anteriormente. A importância dessas narrativas decorre da abrangência da presença dos Missionários da África em postos estabelecidos principalmente na Província Norte e Oeste da Zâmbia e em toda a extensão do Malauí, posto que qualquer trabalho que faça uma menção sobre o período pré-colonizador e colonizador ou sobre as populações regionais, de uma forma direta ou indireta, lidará também com os arquivos desse instituto (cf. RICHARDS, 1956; MAXWELL, 1983; GARVEY, 1993).

Na mesma linha, a descrição do cotidiano do Norte da Zâmbia onde havia um amplo domínio da população Bemba resistente ao colonialismo britânico — salvo as poucas menções feitas sobre esse grupo e seus tributários na última viagem de David Livingstone — será encontrada amplamente nas narrativas dos Missionários da África. Isso não significa que outras denominações cristãs, como a *Dutch Reformed Church* e a*London Missionary Society*, estivessem apartadas desse processo. Em algumas dessas regiões, como era o caso do Distrito de Chinsali e na Estrada de Stevenson, elas já estavam estabelecidas décadas antes da chegada dos católicos (GARVEY, 1993; MIDDLETON; MILLER, 2007). No entanto, a relação dos atores católicos com os reformistas referia-se a um enfrentamento de fronteiras simbólicas, que para a hierocracia católica significava heresia. Tais fronteiras até as primeiras décadas de 1900 são observadas pelas incursões dos católicos em disputar a conversão dos Babemba com os reformistas.

Narrativas missionárias católicas

Consideramos que os eventos durante o período pré-colonial, colonial e da independência da Zâmbia provocaram modificações socioculturais e políticas no *modus vivendi* das populações da região norte. Por isso, na forma de um panorama de narrativas sobre a Zâmbia, interpretamos os trabalhos dos Missionários da África, que contribuem para compreender as pesquisas sobre a apropriação Bemba de adscrições estrangeiras, em busca de sua diferenciação regional. Nesse sentido a produção das

narrativas esteve de acordo com as categorias afins à concepção eclesiástica e estrangeira sobre o Norte da Zâmbia com o foco quase absoluto sobre a população Bemba.

De uma forma contrastiva com os diários dos exploradores que geraram notoriedade ao seu autor, os diários não são nominais. Conforme padre François Richard, responsável pelo FENZA em 2009, afirmou que a prática era a de ser um missionário disponível ou presente naquele dia ou algum deles que havia sido designado em um momento ou outro, sem haver uma preocupação *per se* de quem deveria ser.

Nesse sentido, não havia uma nomeação eclesiástica para essa função ou até poderíamos dizer ser uma ação eclesiástica burocrática, sem estar conectada a um cargo específico. Conforme a situação dos missionários nos postos, por exemplo, em viagem às capelas distantes, *outstations*, em retiros ou doentes, outro missionário assumia a tarefa. Generalizamos ser um missionário, para evitar o risco de reproduzir equívocos quanto à competência dos padres sobre os irmãos, tendo em vista a prioridade da formação acadêmica para os padres, e técnica, para os irmãos. Por isso passamos a investigar os diários como uma das funções do posto, enfatizando a narrativa da comunidade como artifício utilizado para legitimar a reprodução da autoridade eclesiástica (BOURDIEU, 2007).

Em contraposição à impessoalidade da autoria do missionário-escritor dos diários, que aqui denominamos de diarista, era enaltecida a pessoalidade da comunidade, com suas tensões e preocupações predominantes. Assim sendo, a autoria e a autoridade dos diários foram consideradas a partir das determinações de seu fundador Cardeal Charles Lavigerie, segundo as quais todo posto deveria retratar a missão em seu exemplo de catolicismo entre os africanos.

As narrativas dos postos eram feitas por eventos selecionados pelo diarista no dia. Por isso, há escritos sobre caçadas, doenças, confrontos políticos com os chefes locais, com os outros missionários cristãos (anglicanos e escoceses), com visitas de autoridades coloniais ou descrições de algum evento da população local, como brigas ou invasões. A escolha da forma e do conteúdo a serem relatados pelo diarista não seguiam um protocolo. A princípio, era um relato sobre algo ocorrido em um período de tempo e nem sempre era feito diariamente, como esperado por Lavigerie, porém eram

apresentados eventos de um dia ou de uma semana ou até de um mês, pela disponibilidade e interesse daquele que o escrevia. Por esses saltos temporais, os diários apresentam hiatos que podem ser preenchidos pela contraposição com diários de outros postos, de documentos ou relatórios, se se tratar de uma questão pertinente aos interesses dos superiores próximos, padres superiores e bispos do vicariato, monsenhor ou bispo, ou de seus dirigentes institucionais, Lavigerie, Livinhac e Birraux. Mas se for relativo às questões específicas às missões como fome, visitas das autoridades coloniais, de chefes ou de viagens de reconhecimento.

A produção de narrativas segundo interesses estrangeiros e conflitos locais tecia-se em um espaço de fricção intercultural (OLIVEIRA, 2006; CUNHA, 2010) entre os missionários e a população local — a população Bemba, Babemba, e seus vizinhos —, gerando convergências de categorias interpretativas, por nós classificadas em: 1) exploratórias; 2) expansionistas; 3) acadêmicas.

Podemos aferir nos três agrupamentos das narrativas uma predominância de determinados traços culturais operando como uma constelação de categorizações interpretativas dos Babemba e de seus vizinhos, cuja eficácia deve também ser observada a partir daquilo que os missionários conseguiam discriminar no cenário local, legitimando-se pelos interesses religiosos. Igualmente, os Babemba responderam com traços considerados por eles relevantes para realçar sua identidade perante os estrangeiros:

1) Narrativas exploratórias: conjunto de primeiros diários dos missionários na região. Estas narrativas podem ser compreendidas pelos diários dos postos missionários próximos aos aquíferos – lagos Tanganyika, Niassa, Mwero e Bangweolo – e Estrada comercial de Stevenson, quando são mencionados, pela primeira vez, os ataques produzidos pelos Babemba sobre os Bamambwe até a composição dos postos nos territórios dominados pelos primeiros e a consolidação do território eclesiástico do Vicariato Apostólico de Niassa. Esses relatos são encontrados nos diários dos postos missionários, nomeados de acordo com alguma santidade, isto é, um(a) santo(a) protetor, e o período ao qual apresenta registros.

Os Babemba eram descritos como guerreiros ferozes; saqueadores por razias e vendedores de escravos e marfim aos árabes em troca de armas, munição e tecido. Ao

longo do século XX, esses sinais foram reapropriados e reproduzidos por indivíduos Bemba e por estrangeiros, porém para os últimos como algo pitoresco e sem uma eficácia em sua cultura local;

2) Narrativas expansionistas: esse conjunto de narrativas foi produzido no início do período colonial até após a I Grande Guerra Mundial. Por isso, os interesses relativos à governança tribal eram importantes para a política expansionista católica e europeia. O domínio da língua Bemba, Chibemba, pelos missionários católicos, com os primeiros livros escolares, gramáticas e instruções religiosas, e os primeiros dicionários bilíngues *Français-Bemba* e*Bemba-English* também fez parte da dinâmica dessa produção.

A fronteira cultural entre os Babemba e os Missionários da África era minimizada pela conversão daqueles ao catolicismo. Havia a presença de missionários transformando os territórios da Rhodésia do Norte e do Malauí em Vicariatos. novas ênfases foram atribuídas aos Babemba, relativas à chefaria de Chitimukulu e seus clãs, à gênese migratória do império Lunda-Luba, às relações de parentesco matrilinear e às práticas religiosas Bemba. À medida que os Babemba se tornaram o grupo escolhido pelos Missionários da África como grupo modelo, foi investigada sua história, seu poder, sua expansão e suas práticas religiosas, que eram dominadas pelos *bakabilo*, sacerdotes conselheiros do chefe supremo, e pelo *Shimwalule*, sacerdote responsável pelo sítio mortuário do *Chitimukulu*, chefe supremo dos Babemba.

3) Narrativas acadêmicas: esse período foi caracterizado pela racionalidade acadêmica delineando as narrativas missionárias, pela influência do *Rhodes-Livingstone Institute*. Também foi marcado pela II Grande Guerra Mundial (1934-1945), Concílio Vaticano II (1961-1965) e pela Independência da Zâmbia (1964). Novos traços relativos a gênero aparecem com maior frequência e outros, decorrentes do mito lendário do *Bêna Ŋandu*, clã crocodilo, sustentam a coletividade Bemba em sua movimentação pelo território da Rhodésia. Dessa forma, a temática feminina teve uma ênfase também nas narrativas religiosas sobre os Babemba, de acordo, ainda, com as modificações na doutrina eclesiástica. Deslocava-se a figura masculina da centralidade do poder Bemba relacionada ao culto aos antepassados, recuperando-se o espaço social da mulher antes

da ascensão da chefaria do Chitimukulu. Por esse efeito, aflorou a figura de Alice Lenshina Mulenga, líder da Lumpa Church, para redimensionar na Zâmbia a apropriação Bemba das categorias cristãs, pelo primeiro nacionalismo africano (ROTBERG, 1972).

Havia uma prevalência sobre a explicação de traços Bemba como: práticas culturais femininas, práticas religiosas, bruxaria, identidade político-militar e independência colonial.

Em decorrência do processo de independência da Zâmbia, sinais diacríticos locais, antes dissociados, foram agregados. Por exemplo, traços relativos à autoatribuição de guerreiros ferozes mantiveram a chefaria do Chitimukulu como unificador da identidade coletiva, concomitante ao realce da posição social da mulher na execução de rituais do culto dos antepassados e a importância do *chisungu*, em função da refração à dominação estrangeira.

Diante do exposto, podemos considerar que pela dupla sondagem das narrativas missionárias, o campo católico e a produção de narrativas, a etnografia historiográfica possibilita interpretar a produção dos grupos missionários compreendendo sua dinâmica estruturante enquanto um coletivo, e assim considerar a permeabilidade de suas fronteiras simbólicas diante dos eventos sociais em interação com as populações. Embora historicamente tenha havido uma negligência por parte dos pesquisadores em abstrair o quanto se utilizavam da proximidade dos clérigos com a população para serem aceitos localmente e de seus registros e arquivos, há muito a ser explorado com essa temática.

Referências Bibliográficas

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. **CNBB**. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/>;;. Acesso em: 15 de janeiro de 2012 [2005].

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 10ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

PIO XI. **Casti Connubii.** Itália, Roma: Santa Sé, 31 de dezembro de 1930.

CASTELNAU-L'ESTOILE, C. **Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil**, 1580-1620. Bauru: EDUSC, 2006.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas e outros ensaios.** São Paulo: COSACNIFY, 2010.

FEINSTEIN, B.; DAJANI-DAOUDI, M. S. Permeable Fences Make Good Neighbors: Improving a Seemingly Intractable Border Conflict Between Israelis and Palestinians. American University International Law Review, 16, n.1, p. 1-176, 2000.

GARVEY, B. **Bembaland church: religions and social changes in South Central Africa**, 1891 – 1964. Chicago: Brill Academic Publishers, 1993.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretative.** 11ª. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2009.

HOCH, E. **Bemba pocket dictionary: Bemba-English and English-Bemba**. Ndola, Zambia: Mission Press, 1992.

MAXWELL, K. B. **Bemba myth and ritual: the impact of literacy on an oral culture.** E.U.A., New York: Peter Lang, 1983.

MIDDLETON, J. ; MILLER, J. **New Encyclopedia of Africa.** Vol. 2. EUA: Detroit, 2007.

MONTERO, P. (ed.). **Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural.** São Paulo: Editora Globo, 2006.

OGER, L. **I calo ca Mpanda (the country of the chief Makasa)**. Bemba-English version. Zâmbia, Chinsali: Missionaries of Africa Archives, 1992. (datilografado).

OLIVEIRA, R. C. C**aminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo.** São Paulo: EDUNESP, 2006.

RENAULT, F. **Le Cardinal Lavigerie**, 1825-1892. França, Paris: Fayard. 1992.

RICHARDS, A. **Chisungu: a girl's initiation ceremony among the Bemba of Northern Rhodésia.** London: Longman: 1956.

ROTBERG, R. **The rise of nationalism in Central Africa: the making of Malawi and Zambia**, 1873-1964. London: Oxford University Press, 1972.

ROBERTS, A. **A history of the Bemba: political growth and change in North-Eastern Zambia before 1900.** London: Longman, 1973.

SANCHIS, P. **Perspectivas antropológicas sobre o catolicismo.** In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (org.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 181-206.

SANTOS, E. N. **Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas.** São Paulo: Palas Athena, 2002.

SHORTER, **A. African recruits and missionary conscripts: the White Fathers and the Great War (1914-1922).** Londres, Inglaterra: Missionary of Africa, 2007.

SOCIÉTÉ DES MISSIONNAIRES D'AFRIQUE. **Constitutions. Alger: Maisson-Cairré**, 1933.

THE WHITE FATHERS BEMBA-ENGLISH DICTIONARY. Ndola, Zâmbia: **The Society of the Missionary for Africa (White Fathers)**, 1991.

WEBER, M. **Essays in Sociology**. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner Co., 1947.

_____. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

Notas

[i] Doutor em Ciências Sociais e professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste

[ii] Como resultado da I Grande Guerra Mundial os clérigos alemães se tornaram um problema das circunscrições eclesiásticas, limitando sua circulação entre os países europeus e africanos. Por isso, foram criadas duas circunscrições para alemães para a África Central, Tukuyu, na Tanzânia, e Luangwa, na Zâmbia. Um dos efeitos foi a língua alemã se tornar predominante para a comunicação entre membros e em seus documentos (SHORTER, 2007).